
**AFROCENTRICIDADE NA EDUCAÇÃO:
EPISTEMOLOGIA INOVADORA CONTRA A DESINFORMAÇÃO
NA LUTA ANTIRRACISTA**

*Fátima Maria Araújo Bertini **, *Julyanni Almeida Grandim ***,
*Antônio Arnaldo da Silva ****, *Marinho Nhanri *****

RESUMO

O presente texto reflete sobre a Afrocentricidade na Educação como epistemologia de enfrentamento à desinformação na luta antirracista. Nele, objetivamos identificar como a Afrocentricidade pode colaborar para o combate à alienação e à desumanização causadas pelo racismo e aceleradas pela desinformação, gerando apagamento e desvalorização da identidade africana e afrodescendente. A metodologia utilizada para a elaboração deste artigo foi a revisão bibliográfica. Como considerações finais, indicamos que a desinformação geradora de racismo produz um sistema comunicacional mantenedor de modelos estéticos ou de pensamento definidos pela dominância histórica branca. Pensamos que a desinformação associada ao racismo constitui o alicerce de traumas e sofrimentos psicológicos das pessoas negras.

Palavras-chave: desinformação; racismo; afrocentricidade; luta antirracista.

* Doutora em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP). Docente efetiva da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) no Curso de Pedagogia, Instituto de Humanidades. Líder do LAPDEA, Grupo de Pesquisa do CNPq. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1754-0359>. Correio eletrônico: fatimabertini@unilab.edu.br.

** Graduada em Humanidades. Graduada em Pedagogia pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-6311-1832>. Correio eletrônico: julyanni.grandim@hotmail.com.

*** Graduado em Licenciatura em História pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Docente da Escola Estadual Quilombola Antônia Ramalho da Silva. ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-5421-7270>. Correio eletrônico: antonioarnaldo346@gmail.com.

**** Graduado em Humanidades. Graduando em Sociologia pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-1790-663X>. Correio eletrônico: nhanrimarinho@gmail.com.

**AFROCENTRICITY IN EDUCATION:
INNOVATIVE EPISTEMOLOGY AGAINST DISINFORMATION
IN THE ANTI-RACIST STRUGGLE**

ABSTRACT

This text reflects about the Afrocentricity in Education as an epistemology for confronting disinformation in the anti-racist struggle. Our aim is to identify how Afrocentricity can help to combat the alienation and dehumanisation caused by racism and accelerated by disinformation, which erases and devalues African and Afro-descendant identity. The methodology used to produce this article was a bibliographical review. As final considerations, we recommend that disinformation that generates racism produces a communication system that maintains aesthetic or thought models defined by white historical dominance. We believe that misinformation associated with racism is the foundation of trauma and psychological suffering for black people.

Keywords: *misinformation; racism; afrocentricity; anti-racist struggle.*

2

**AFROCENTRICIDAD EN LA EDUCACIÓN:
EPISTEMOLOGÍA INNOVADORA CONTRA LA DESINFORMACIÓN
EN LA LUCHA ANTIRRACISTA**

RESUMEN

Este texto reflexiona sobre la afrocentricidad en la educación como epistemología para hacer frente a la desinformación en la lucha antirracista. Nuestro objetivo es identificar cómo la afrocentricidad puede ayudar a combatir la alienación y deshumanización causadas por el racismo y aceleradas por la desinformación, que borra y devalúa la identidad africana y afrodescendiente. La metodología utilizada para la elaboración de este artículo ha sido la revisión bibliográfica. Las consideraciones finales son que la desinformación que genera el racismo produce un sistema de comunicación que mantiene modelos estéticos o de pensamiento definidos por la dominación histórica blanca. Creemos que la desinformación asociada al racismo es la base del trauma y el sufrimiento psicológico de las personas negras.

Palabras clave: *desinformación; racismo; afrocentricidad; lucha antirracista.*

1 INTRODUÇÃO

O presente texto busca desenvolver uma reflexão acerca da Afrocentricidade na Educação como epistemologia de enfrentamento à desinformação na luta antirracista. O conceito de Afrocentricidade foi elaborado e discutido inicialmente pelo filósofo norte-americano Molefi Kete Asante, em 1980. As discussões e reflexões aqui presentes surgiram a partir da realização dos momentos de leituras, diálogos e problematizações realizados no LAPDEA¹ (Laboratório de Estudos Psicossociais e Afetos Ético-Políticos) por meio do Grupo de Estudos Sakhu Sheti, que pertence à primeira linha de pesquisa do laboratório.

A questão principal deste estudo é em que medida a Afrocentricidade como perspectiva epistemológica é capaz de colaborar com o resgate da identidade cultural e psicossocial do povo africano e afrodescendente. A partir daí, temos o objetivo de identificar como a Afrocentricidade, sob o viés epistemológico, pode contribuir para o combate à alienação e desumanização causadas pelo racismo, processos esses acelerados pela desinformação, gerando apagamento e desvalorização da identidade africana e afrodescendente na luta antirracista.

Como metodologia, utilizamos a revisão bibliográfica, com foco na reflexão sobre o livro de Elisa Larkin Nascimento (2009), *Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora*. Recorremos à pesquisa bibliográfica acerca da temática da Afrocentricidade para apresentar as principais ideias e discussões que envolvem esse conceito e trabalhar uma abordagem teórica decolonial, que se faz importante para pensar o campo das relações étnico-raciais e de uma educação antirracista. Com isso, objetivamos construir uma reflexão voltada para as questões psicológicas que permeiam a necessidade de uma consciência de si a partir da África para que ocorra um protagonismo cultural, social, identitário e libertador do povo negro.

A primeira parte do texto apresenta a discussão acerca da desinformação como propulsora de confusão identitária do negro, problematizando o conceito de desinformação e sua relação com o racismo. A partir desse ponto, seguimos com uma reflexão mais

¹ Constitui um Grupo de Pesquisa do CNPq, vinculado à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). A primeira linha de pesquisa tem como tema *Investigações no âmbito da epistemologia da psicologia afrorreferenciada: estudos em psicologia social decolonial no contexto sócio-cultural-ancestral-espiritual-territorial de povos e comunidades tradicionais*. Sobre o conceito de Psicologia Social decolonial, consultar Bertini (2021).

pormenorizada acerca do conceito de Afrocentricidade como centralidade de reflexão epistemológica afrocentrada. Depois, propomos a reflexão do conceito de Psicologia Preta (Sakhu Sheti), de Wade Nobles (2009), e discutimos quatro olhares sobre Afrocentricidade: Cheikh Anta Diop (2009), Molefi Kete Asante (2009), Ama Mazama (2009) e Elisa Larkin Nascimento (2009).

Além disso, refletimos sobre a epistemologia afrocentrada na educação, sob a perspectiva desses autores. Diante dessas reflexões, propomos a epistemologia afrocentrada como instrumento eficaz na educação antirracista para minar a desinformação, a qual se vincula ao aspecto depreciativo da identidade negra e sua desvalorização.

2 A DESINFORMAÇÃO E O RACISMO

A relação entre desinformação e racismo dá-se pelo aspecto de desqualificar, confundir e produzir o abaixamento valorativo das características identitárias negras. O conceito de desinformação, segundo Santiago e Araújo (2022, p. 50), citando os autores Wardle e Derakhshan, é-nos apresentado como uma informação falsa, de forma deliberada, para causar dano à pessoa ou ao grupo social. Os autores ainda compreendem que a desinformação pode ser abrangida como uma prática discursiva, “[...] especialmente quando se leva em consideração os modos de produção, distribuição e consumo desses textos que circulam na internet por meio das subversões feitas de textos publicitários” (Santiago, 2021, p. 19).

Esse é um ponto-chave no presente texto, considerando que essa subversão é realizada para a produção de desqualificações e impressões de inferioridade pelo motivo da cor negra da pele. Segundo Costa e Melo (2021, p. 183),

o que ocorre com os(as) negros(as) é que os conteúdos históricos referentes a sua existência foram apagados, silenciados, enterrados, manipulados, esquecidos, sistematizados de forma errônea, mascarados, e o que mais se possa imaginar como formas de “edição” de sua história.

A narrativa oficial, historicamente, contribuiu para o apagamento como política de invisibilidade e esquecimento (Kilomba, 2019), com a supervalorização da cor branca como ideal estético, ou padrão, a ser alcançado, manipulando imagens, ideias e objetivos.

Essas duas imagens abaixo, já veiculadas na mídia, são constatações dessas manipulações que enalteceram o padrão estético branco em detrimento da cor preta, que apareceu como uma etapa a ser ultrapassada para se chegar ao belo. Na propaganda, a beleza tornou-se um qualificativo associado à cor branca ou a características corporais de pessoas dessa cor, sugerindo que, ao consumir o produto, o negro iria adquirir tais características:

Figura 1 – Propaganda da Nívea (2011)



Fonte: Pepsi [...] (2017).

Figura 2 – Propaganda da Dove (2017)



Fonte: Dove [...] (2017).

Nesses dois anúncios, podemos perceber que a mensagem transmitida ao consumidor negro é que, ao consumir tais produtos, pode ter como recompensa tornar-se parecido com o branco, ou, ainda mais marcante, mudar sua cor de pele e ficar branco. Na Figura 1, temos a

propaganda de um produto cosmético que promete retirar características afrodescendentes; no caso, o cabelo crespo, tornando-o liso, como sinônimo de ser civilizado. De acordo com a matéria veiculada com a imagem, “a agência de propaganda adotou o seguinte texto: ‘recivilize yourself’, algo como “recivilize-se” (Pepsi [...], 2017, p. 1). A polêmica de acusação ao racismo foi imediata e a própria marca assumiu, em suas redes sociais, que a peça é “inapropriada e ofensiva”.

Já na Figura 2, temos uma ideia semelhante à da propaganda anterior, levando à mesma percepção de uma recompensa a ser ganha (a pele branca) com o consumo do cosmético, como uma valorização e conquista. Segundo a matéria do *site* citado, a empresa admitiu que, “em uma imagem publicada nesta semana, erramos ao representar as mulheres de cor, e lamentamos profundamente os danos causados” (Dove [...], 2017, p. 2).

Esses dois exemplos, dentre tantos outros que caberiam aqui, mostram-nos uma forma de desinformação, mas de uma maneira subliminar, para a produção de um conceito de *self* branco, adequado à valorização hegemônica, ao passo do apagamento, da aniquilação da cor negra, como um patamar a ser vencido para se conseguir um lugar de beleza ou enquadramento social. Concordamos com Saraiva (2021) de que é uma prática discursiva, no sentido da prática social, causando danos às pessoas pela desordem informacional, que se dá de modo intencional (Saraiva, 2021). A falsidade da informação está vinculada ao conteúdo intencional de inferiorizar a pele negra, tentando colocá-la na sociedade como valorativamente diminuída.

6

3 A AFROCENTRICIDADE COMO CENTRALIDADE EPISTEMOLÓGICA

Este estudo foi organizado de modo a apresentar o conceito da Afrocentricidade e, por conseguinte, levantar os principais pontos de análise dessa temática. Buscamos sempre refletir sobre a importância de pensar as questões psicológicas e sociais que envolvem a temática racial e a violência do racismo causado pelo processo de colonização, identificando as consequências da opressão colonial e seus desdobramentos até os dias atuais, os quais deslegitimam, apagam, silenciam e violam a cultura negra, a subjetividade, a personalidade e a identidade do ser psicossocial e sociocultural do povo negro.

A Afrocentricidade como proposta epistemológica vai em busca de localizar o conhecimento africano a partir da África, e não de perspectivas eurocêntricas ou ocidentais. Segundo Asante (2009, p. 93), “a afrocentricidade é um tipo de pensamento, prática e

perspectiva que percebe os africanos como sujeitos e agentes de fenômenos atuando sobre sua própria imagem cultural e de acordo com os seus próprios interesses humanos”.

Dessa forma, pretendemos com essa epistemologia o retorno à consciência do africano, ou afrodescendente, ao lugar, à cultura e à identidade a partir da África, e não de um conhecimento atravessado pelo olhar eurocêntrico, o que recentra a consciência de si do ser africano, da sua libertação, da valorização do corpo, da mente, em um processo de agência, de ação, frente à sua realidade.

A perspectiva da Afrocentricidade recoloca o conhecimento epistemológico centralizado na África e, portanto, gera um processo de conscientização e de libertação. Tal perspectiva redireciona também os estudos e os processos de ensino, uma vez que, ao produzir investigações a partir do conhecimento africano, e não eurocêntrico, mudam-se valores, pensamentos, formas de conexão espiritual, significações da linguagem e de símbolos, tendo como ponto de partida o ser africano. Essa recolocação é o que liberta o conhecimento – até então reproduzido e ensinado da Europa ocidental – para outro paradigma da relação com a realidade e existência, bem como no que toca ao aspecto da aprendizagem e do psiquismo.

7

4 PERSPECTIVA DE WADE NOBLES E O FOCO PSICOLÓGICO AFROCENTRADO

Nobles (2009, p. 288), ao escrever sobre as questões psicológicas ligadas ao desejo de ser branco, afirma que

[...] pele clara e cabelo liso tornaram-se, e de muitas formas ainda são, os distintivos inquestionáveis de bondade e beleza. A cor clara e a proximidade da brancura tornam-se o padrão do ser humano. Torna-se a licença para o privilégio baseado na condição racial e a inegável evidência de que se é valoroso e bom. Por ser uma negação fundamental do mérito e do valor intrínseco da pessoa, o resultante “desejo de se aproximar da brancura” se torna uma condição psicológica debilitante, patológica e destrutiva. “Embranquecimento”, “blanqueamiento”, “vergonha da cor”, “quero ser branco”, “ódio de si”, tudo isso resulta numa condição psicológica movida pelo desejo disfuncional de ser branco.

O autor, ainda ao falar sobre essa aproximação do ser branco, entende que esse sofrimento, causado por uma visão ilusória do indivíduo sobre si mesmo de que não é negro, pode ser diagnosticado como trauma causado pelo racismo, sendo comparado a um terrorismo

psicológico, justamente devido ao processo de colonização. Também o mesmo autor usa o termo *Sakhu Sheti* para nomear o que deveria ser a psicologia negra: “[...] ofereci o antigo termo *Sakhu Sheti*. *Sakhu* significa a compreensão, o iluminador, o olho e a alma do ser, aquilo que inspira. E *Sheti* significa entrar profundamente num assunto; estudar a fundo; pesquisar nos livros mágicos; penetrar profundamente” (Nobles, 2009, p. 279).

Essa Psicologia Afrocentrada vai em busca de perceber a psiquê africana mediante a compreensão profunda do que seja o conhecimento africano a partir da própria África, e não dos paradigmas ocidentais que definem a subjetividade. É um aprofundar-se demoradamente no significado da natureza da condição humana para o povo africano.

Quando compreendemos Psicologia Afrocentrada como *Sakhu Sheti*, passamos a entender mais profundamente esse processo do trauma psicológico causado pelo racismo. De fato, o racismo destrói a humanidade da pessoa negra, sua identidade, essência ancestral, violenta seu corpo e sua mente e tenta desconectá-la do que significa ser africano ou afrodescendente. Isso tudo causa um intenso sofrimento psíquico, gerador de trauma, ou, como citado acima, do terrorismo psicológico, pois ao sujeito negro não se permite ser o que é por medo, repressão social ou baixa autoestima, causados pela violência do racismo.

Uma educação afrocentrada a partir de *Sakhu Sheti*, de uma Psicologia Preta, constitui uma educação que traz de volta a dignidade do povo negro – africano ou afrodescendente –, incluindo processos de ensino e aprendizagem que levem em conta os elementos étnico-raciais. Isso inclui trazer para a sala de aula os valores culturais do povo negro, as características identitárias, os signos e significados das palavras a partir da compreensão comunitária e cultural.

5 QUATRO OLHARES SOBRE A AFROCENTRICIDADE: CHEIKH ANTA DIOP, MOLEFI KETE ASANTE, AMA MAZAMA E ELISA LARKIN NASCIMENTO

Nesta parte do texto, demonstraremos quatro olhares sobre a epistemologia afrocentrada, a partir de Cheikh Anta Diop, Molefi Kete Asante, Ama Mazama e Elisa Larkin Nascimento. Esses são os autores do livro de Elisa Larkin Nascimento (2009), *Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora*, que foi estudado no Grupo de Estudos *Sakhu Sheti*, no ano de 2023.

Inicialmente, partimos da reflexão de Cheikh Anta Diop. Esse autor é considerado o maior intelectual da África no século XX (Finch III, 2009). Foi o grande responsável pela

mudança de paradigma no estudo desse continente. No campo da egiptologia, Diop realizou grandes mudanças, iniciando estudos que indicavam a re colocação do Egito no contexto africano, enquanto se tentava situar o Egito no âmbito oriental. Nesse sentido, enfrentou vários desafios, defendendo sua tese da evidência da origem africana na civilização egípcia.

Segundo Finch III (2009), Diop postulou teses afrocêntricas, dentre elas: a humanidade começou na África; o antigo Egito foi uma civilização negro-africana; a origem dos povos da África Ocidental remonta ao Vale do Rio Nilo; o mundo semita é uma fusão de imigrantes caucasoides ou arianos com negros autóctones já estabelecidos na Ásia ocidental; houve dois berços do desenvolvimento humano nos tempos pré-históricos: o berço do sul e o berço do norte; a ciência, a medicina, a filosofia, a arquitetura, a engenharia e a arte civilizada surgiram primeiro no Vale do rio Nilo; os reinos pré-coloniais da África Ocidental desenvolveram sistemas de governo e formas de organização social altamente sofisticados; há uma unidade cultural entre toda a África Negra.

A primeira tese de Diop, de que a humanidade começou na África, constitui grande importância e reflete em todas as outras teses. Nessa perspectiva, as outras raças emergiram relativamente tarde como ramos do tronco africano, ou seja, compreendemos que todas as outras teses são uma construção a partir do nascimento africano, do saber africano e da ciência africana. Para Diop, outras partes da África, como Etiópia e Quênia, também apontam seres existentes no continente, não somente em um lugar específico, mas em outros pontos da África, que tiveram sua importância no berço civilizatório.

Diop restabelece um passado africano que foi totalmente destruído pela ciência europeia, mostrando ao mundo a sua teoria centrada na África e nas evidências nas raças; ou seja, o Egito como sendo o ponto principal do maior conhecimento científico e intelectual antigo – e negro. Diante dessa afirmação, não resta dúvida de que na África há conhecimentos de um saber primeiro, praticado desde muito antes por pessoas negras, e saberes que vieram muito depois, como, por exemplo, o dos gregos.

Outro autor sobre o qual refletimos é Molefi Kete Asante. Para Asante (2009), a Afrocentricidade é uma questão de localização, precisamente porque os africanos vêm atuando na margem da experiência eurocêntrica, ou seja, quase tudo o que nós consumimos de conhecimento, desde a história à matemática, dentre outras disciplinas, vem através dos europeus. Assim, a perspectiva europeia do saber apresenta-se como única e exclusiva, como uma verdade absoluta. No entanto, a Afrocentricidade é sinônimo de conscientização do lugar no qual se está inserido, isto é, a África no centro.

O autor está preocupado em descobrir, em todo lugar e qualquer circunstância, a posição de sujeito da pessoa africana. Para os africanos, quanto ao conhecimento, é determinante – e um ponto central – afirmar suas origens, suas vidas, seus ancestrais e toda rede de conhecimentos anteriores aos conhecimentos ocidentais. Portanto, o autorreconhecimento de seus saberes é autossuficiente para provar que a África tem cultura e história, e não depende de outras culturas – como a europeia ou americana – para ter seu espaço no mundo científico.

Em Molefi Kete Asante, as referências são sempre africanas, e o pensamento é afrocentrado desde suas primeiras fundações, o momento em que o antigo *kemet*, terra preta, tornou-se o berço civilizatório da humanidade africana. Para esse autor, o pensamento africano é libertador: “[...] na visão afrocentrista, todo conhecimento deve ser emancipador” (Asante, 2009, p. 104). Asante empreende esse mesmo olhar afrocentrado de uma visão civilizatória africana feita pelos africanos negros egípcios. O pensamento afrocentrado afasta todas as inverdades por séculos lançadas diretamente na mente do povo africano, focando um novo contexto e olhar, voltados para a nova escrita da história da civilização africana, afastando e rompendo as amarras da negação dos negros como sub-raça, o que já foi provado por Diop, em suas teses, do poder africano do saber científico e emancipador.

Já a autora Ama Mazama reflete sobre o surgimento da afrocentricidade e o seu propósito em reagir às discriminações e à violência que os africanos sofreram com os europeus: “a Afrocentricidade surgiu em resposta à supremacia branca, a qual tem assumido diversas formas que certamente não são exclusivas entre si” (Mazama, 2009, p. 111). A supremacia branca não se limita só a “[...] um processo social e econômico [...] também pode ser um processo mental, mediante a ocupação do espaço psicológico e intelectual dos que devem ser submetidos”. O resultado desse processo leva os africanos a considerarem o europeu como superior e civilizado em relação à sua imagem. No entanto, a Afrocentricidade apresenta-nos um novo paradigma sobre a posição dos africanos em relação aos europeus: “[...] ofereço a Afrocentricidade como uma nova localização moral e intelectual que postula os africanos como sujeitos, e não objetos, da história humana” (Asante, 1998 *apud* Nascimento 2009, p. 191).

Devemos valorizar os ensinamentos que partem da experiência da vida dos africanos, que não se baseiam na educação ou no sistema de ensino impostos em nossas sociedades pela supremacia branca, com intuito de marginalizar a sociedade africana, pois “os africanos que frequentam as escolas públicas euro-norte-americanas não estão adquirindo ‘educação’ nem

devem esperar se educar, já que recebem uma quantidade enorme de imagens negativas e debilitantes de si mesmos” (Mazama, 2009, p. 126). O conceito da afrocentricidade tem como princípio básico “o lugar” (Nascimento, 2009, p. 190) que permite localizar o sujeito como autor da sua própria história, evitando que seja guiada pela supremacia branca. Para isso, faz-se uma inovação teórica com bases em três componentes:

[...] 1) a caracterização de especificidade da cultura ocidental que pretende se impor como universal; 2) a valorização do ser humano não ocidental como protagonista de sua história; 3) o reconhecimento e a valorização da especificidade da cultura não ocidental, antes reduzida a pejorativos como primitiva, pagã ou selvagem. (Nascimento, 2009, p. 191).

Esses componentes deixam claro que o afrocentrista prioriza o autorreconhecimento no lugar do reconhecimento do outro, “antes de pleitear o reconhecimento do outro, o afrocentrista quer construir as bases para o pleno autorreconhecimento de seu povo e sua cultura, condições necessárias para esta capacitação” (Nascimento, 2009, p. 192).

Elisa Larkin Nascimento apresenta o princípio fundamental da abordagem afrocentrada, que “[...] explicita sua não pretensão à hegemonia, ao passo que contesta não a validade para o Ocidente do centro europeu, mas a sua pretensa universalidade hegemônica” (Nascimento, 2009, p. 192). A autora ainda acrescenta a ideia afrocentrada levantada por Asante (1998), que se projeta “[...] como modelo de agência intercultural em que existe o pluralismo sem hierarquia e concede-se livremente o respeito às origens, realizações de potenciais”.

Mesmo com as diferenças culturais visíveis que se possam observar entre essas sociedades, ainda se encontram discursos que colocam a Europa como líder a ser seguido, por se tornar frequente em certas sociedades que passaram pelo processo da ocupação europeia, e os indivíduos começam a aceitar inconscientemente “[...] o discurso do supremacismo branco” (Mazama, 2009, p. 113). Isso se deve ao fato de que “[...] embora os africanos tenham se libertado fisicamente, continuam com frequência a minar o próprio bem-estar ao engajar-se em ações evidentemente compatíveis com a ideologia da supremacia branca” (Mazama, 2009, p. 113). Para nos desfazermos dessa ideologia, é necessário adotarmos um método de ensino que não seja influenciado pela educação formal, oferecida pela supremacia branca, pois o surgimento da Afrocentricidade sustenta-se no princípio de desafiar o eurocêntrico.

Para que esse propósito afrocêntrico torne-se realidade, os africanos precisam se desfazer e refazer as histórias contadas pelos brancos sobre a nossa cultura, a nossa sociedade e a forma como realizamos os nossos costumes para, assim, lutar contra o “imperialismo da brancura”, que pretende transformar “um negro de alma branca, eis o que de mais nobre se pretende fazer do negro no ocidente” (Nascimento, 2009, p. 189).

O espírito autônomo do africano atuando como agente sustenta-se nas discussões de como a Afrocentricidade desempenha um papel crucial na nossa vida e o que a define “[...] é o papel crucial atribuído à experiência social e cultural africana como referência final” (Mazama, 2009, p.117). Por isso, baseia-se “[...] na ideia da centralidade da experiência africana para os africanos. Tem como foco os africanos como sujeitos e não como objetos definidos de fora por supremacistas brancos” (Mazama, 2009, p. 121).

Os autores Cheik Anta Diop e Molefi Kete Asante vão na mesma direção em relação ao continente africano, ao passado africano como berço civilizatório primeiro da humanidade. Suas teses consistem em afirmar que a África sempre foi e será o ponto de referência para toda a humanidade. Dessa forma, as falsificações europeias, que ocorreram por séculos, vieram, por fim, a ser desmistificadas por esses autores africanos. Ou seja, as novas narrativas derrubaram todas as teses que negavam a história e cultura africanas. Com efeito, para que a reconstrução africana pudesse ser realmente feita, os africanos devem ser evidenciados como os verdadeiros sujeitos de suas histórias e filosofias.

Isso se deve ao fato de colocar na centralidade das discussões a consciência do povo africano no seu devido lugar, o lugar de destaque, da civilização inicial. Essa realidade seria possível diante das novas narrativas, reescritas por pesquisadores africanos, cujas incisivas críticas são direcionadas ao conhecimento eurocêntrico e à tese falsa de que a raça negra foi sempre inferior à raça branca. Percebe-se que a ação africana está no centro do mundo de uma forma muito paralela à visão eurocêntrica, como um desdobramento de estudos e pesquisas feitas por africanos negros que se dispuseram a se levantar contra as ideias eurocêntricas.

Nascimento (2009) e Mazama (2009) aprofundam e atualizam os estudos e a abordagem afrocentrada. Os autores fazem uma crítica ao Ocidente, da forma como este trata e considera o ser africano, ou seja, com uma imagem negativa em relação aos brancos, uma vez que “[...] foi o ocidente que atribuiu as ‘essências’ negativas aos povos não ocidentais e reservou as positivas para si mesmo” (Nascimento, 2009, p. 194). Além das críticas à supremacia branca em relação à sociedade africana, procuraram caminhos para fomentarem

uma sociedade com indivíduos com olhares críticos, produzindo novos saberes que possam fazer cumprir o propósito da abordagem afrocentrada.

Mazama (2009, p. 127) considera que é urgentemente necessária a criação “[...] de um espaço seguro e conceitualmente estável, que, afirmam os afrocentristas, deve basear-se nas melhores e mais antigas tradições africanas e ser ativado por uma vitoriosa consciência africana”. Nesse processo de uma nova abordagem da história da sociedade africana, faz-se necessário realçar a urgência da reconstrução dos componentes, ou grade curricular, das nossas escolas, que, na maioria dos casos, não ensinam nossos valores culturais africanos de forma que possamos correlacioná-los ao nosso cotidiano.

Por fim, entendemos que o afrocentrista deve se afastar de vez de toda a história escrita narrada pelos europeus e voltar-se unicamente para a narrativa de seus autores negros africanos. É colocar como foco a sua própria identidade cultural e interesses do próprio povo. Portanto, a consciência do saber próprio pela história verídica deve ser o ponto principal da sociedade africana, com apoio de estudos e pesquisas na africanologia, que sustentará toda a estrutura da continuidade científica e o saber local africano perante a comunidade mundial.

6 A CONSCIÊNCIA DE SI NA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA NAS ESCOLAS E O COMBATE À DESINFORMAÇÃO

A epistemologia afrocentrada, discutida no item anterior pelos diferentes autores afrocêntricos, expõe como ponto fundamental a ação do povo negro ou afrodescendente em busca da essência africana para a constituição da identidade, libertando-se de modelos eurocêntricos. Essa ação é promotora tanto de uma recuperação da valorização da pessoa negra, do autoconceito positivo, quanto da libertação do corpo violentado pelo racismo.

A Educação Afrocêntrica fortalece a luta antirracista também mediante a comunicação antirracista em todo o percurso educativo para combater a veiculação de um discurso racista na Internet, na televisão ou onde o estudante, que está em pleno processo de ensino-aprendizagem, estiver interagindo.

O combate à desinformação que leva ao racismo deve ter na educação antirracista e no cotidiano das escolas uma continuidade da reflexão afrocentrada do corpo, do conhecimento, da metodologia do ensino, para que se produzam mecanismos e dispositivos de ação comunicativa para resistências frente à desinformação. Essa ação continuada possibilitará um processo de reeducação dos significados presentes em mensagens desinformadas e falsas

acerca da superioridade da cor branca em detrimento da cor negra, as quais podem estar implícitas nas mídias de televisão ou Internet.

Além disso, o trabalho coletivo, por meio de conversas com os alunos, poderia constituir uma metodologia importante no processo educativo para se perceber em grupo e reconhecer coletivamente mensagens advindas da desinformação. Isso contribuiria para a valorização social da identidade negra e a apropriação da consciência de si como negro/negra, conectando uma série de aspectos de sua ancestralidade, relações com a realidade e subjetividade/espiritualidade afrocentrada.

7 CONCLUSÃO

Por todo o texto, a nossa proposta foi compreender como a Afrocentricidade, enquanto epistemologia inovadora na educação, pode combater a desinformação na luta antirracista. A informação falsa que produz o racismo é responsável pela formação de ideias geradoras de baixa autoestima e traumas psicológicos ao longo do itinerário educativo de crianças, adolescentes ou adultos, negras e negros.

A desinformação geradora de racismo produz um sistema comunicacional que vai criando uma série de leituras da realidade, mantenedoras de modelos estéticos, de pensamento, de sentimentos, definidos pela dominância histórica branca. Isso tudo vai formando o pensamento, ou a representação social, de que o negro, seja africano, seja afrodescendente, situa-se abaixo desses padrões. Consideramos que a desinformação, nesse sentido, associada ao racismo, torna-se a base para o surgimento de traumas e sofrimentos psicológicos das pessoas negras. Portanto, a desinformação deverá ser o foco de combate da luta antirracista.

Desse modo, quando pensamos o conhecimento a partir do lugar, situado na África, como versa a epistemologia afrocentrada, conseguimos trazer para a Educação a perspectiva libertadora de combate ao racismo exatamente porque a compreensão do mundo e a relação com a existência são transformadas, já que toma outra perspectiva informacional. Essa epistemologia produz a informação que realocaliza a subjetividade preta, centrando-a nela mesma, valorizando todos os seus atributos ancestrais, culturais, comunitários e identitários.

Por fim, a Afrocentricidade pode contribuir para a humanização, construção identitária, formação da autenticidade dos corpos negros/negras e a plena manifestação da subjetividade afrocentrada, na medida em que torna central a profundidade do que é ser

africano. A partir daí, muitas diferentes conexões ou reconexões podem ser feitas sob esse novo ponto de ancoragem no processo educativo para a construção livre e potente do pensamento e do sentir do povo negro, africano ou afrodescendente.

REFERÊNCIAS

ASANTE, Molefi Kete. Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar. *In*: NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.). **Afrocentricidade**: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro Edições, 2009.

BERTINI, F. M. A. Por uma psicologia social decolonial em Sílvia Lane e Martín Baró. **Revista de Humanidades e Letras**, Acarape, v. 7, n. 2, p. 4-11, jul. 2021.

COSTA, F. C. S.; MELO, D. A. Racismo é (só) falta de Informação?: caminhos entre informação e desinformação. **Revista de Biblioteconomia e Ciência da informação**, Juazeiro do Norte, v. 7, n. 1, p. 177-194, jan./abr. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufca.edu.br/ojs/index.php/folhaderosto/article/view/669/531>. Acesso em: 25 maio 2024.

DOVE pede desculpas por propaganda acusada de racismo. **Jornal do Comércio**, Porto Alegre, 9 out. 2017. Disponível em: https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/2017/10/economia/589920-dove-pede-desculpas-por-propaganda-acusada-de-racismo.html. Acesso em 20 fev. 2024.

FINCH III, C. S. Cheikh Anta Diop confirmado. *In*: NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.). **Afrocentricidade**: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro Edições, 2009.

KILOMBA, Grada. **Memórias de plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MAZAMA, Ama. A afrocentricidade como um novo paradigma. *In*: NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.). **Afrocentricidade**: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro Edições, 2009. p. 111-127.

NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.). **Afrocentricidade**: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro Edições, 2009.

NOBLES, W. W. Shakhu Sheti: retomando e reapropriando um foco psicológico afrocentrado. *In*: NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.). **Afrocentricidade**: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro Edições, 2009. p. 277-297.

PEPSI, Devassa e Riachuelo já foram acusadas de racismo, como Dove. **Uol notícias**, São Paulo, 10 out. 2017. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/listas/propagandas-acusadas-de-racismo.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em 20 fev. 2024.

SANTIAGO, A. H. R. **Prática discursiva de desinformação**: um estudo crítico sobre anúncios digitais falsos. 2021. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2021.

SANTIAGO, A. H. R.; ARAÚJO, J. Prática discursiva de desinformação: distribuição de anúncios digitais falsos em mídias sociais. **Revista Linguagem em Foco**, v. 14, n. 2, p. 49-67, 2022. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/9374>. Acesso em: 26 maio 2024.

Recebido em: 12 maio 2024.

Aceito em: 16 ago. 2024.